

EDITORIAL

Desde a pré-história o homem tem buscado, cada vez mais, dominar o novo, o desconhecido, quer através de simples tentativas ou de experiências mais complexas. O processo científico decorre do desejo de conhecer ou da busca do conhecer pelo desejo de fazer algo que seja mais eficiente e eficaz.

Assim aconteceu com o fogo, a pólvora, o papel, o telefone, o avião, o raio laser, passando pela ida do homem à lua, até chegar aos nossos dias, nos quais a evolução, a informática e a rapidez no trato da informação alteram, oportunizam e otimizam um número cada vez maior de ações do homem atual.

Todas essas invenções não teriam logrado êxito e se disseminado tão velozmente se não fosse pela divulgação do conhecimento técnico-científico. Daí a afirmação de que ninguém deve deter o conhecimento, sob quaisquer alegações, em que pese o desvio do emprego de alguns de seus objetivos iniciais.

Não tendo, neste comentário, a intenção de trazer um maior aprofundamento no assunto, pretendo falar da necessidade e da importância da divulgação técnico-científica para a expansão do conhecimento, enfatizando nossa área de atenção.

No exato momento em que estou escrevendo esse editorial, penso na realidade existente há alguns anos, onde a descoberta da caneta-tinteiro, veio substituir a pena de aço e esta, por sua vez, a de aves, trazendo, assim, uma maior facilidade aos escritores da época. Comparando à atualidade, noto a diferença entre o meu Pentium 133 e a antiga e já quase obsoleta máquina manual de datilografia.

O Instituto Benjamin Constant, ao longo dos seus 142 anos de história, tem se constituído em um centro de produção do conhecimento nas questões ligadas às pessoas portadoras de deficiência visual. Sem isso, jamais atingiríamos às comprovadas vitórias obtidas em importantes áreas nas quais nossa Instituição atua.

É certo que todas essas evoluções ocorreram graças à transmissão do conhecimento que vem acontecendo através de décadas e de gerações, pois o domínio do conhecimento é um processo por onde a divulgação permite a interação de idéias, produzindo um novo conhecimento.

A Revista Benjamin Constant foi criada com a finalidade de difundir esse conhecimento e provocar essa interação. Nesse número apresentamos os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos pelos nossos técnicos de Atividade de Vida Diária, de Visão Subnormal e de Atendimento ao Surdo-Cego, todos esses que, oriundos do nosso magistério, sonharam com a evolução técnico-científica e abraçaram o pioneirismo, não se importando com o rótulo do empírico.

Não é de se estranhar que esse pioneirismo tenha tido origem entre os nossos docentes, uma vez que o ensino acadêmico que aqui ministramos está no patamar dos mais bem evoluídos do país.

Um exemplo desse pioneirismo é o acesso das pessoas cegas aos recursos da informática, tema de um artigo do Professor José Antonio Borges, do Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o qual nos distinguiu e honrou com sua publicação nesse número.

Os artigos técnicos de autores estrangeiros, traduzidos e revisados pelo nosso corpo técnico e publicados nessa Revista, têm o objetivo de garantir a divulgação do conhecimento produzido em outros países, e sua adequação à diversidade percebida em nosso país. Nessa edição incluímos o trabalho dos Professores William Padula e Susan Spungin sobre estimulação visual ao bebê e à criança de visão subnormal.

Aproveitando esse espaço, quero parabenizar e agradecer a todos aqueles que permitiram que seus trabalhos pudessem ser editados nesta Revista, pois esta é também, sem dúvida, uma forma de expandir o conhecimento na área, possibilitando, cada vez mais, um adequado atendimento às pessoas portadoras de deficiência visual em nosso país.

Carmelino Souza Vieira
Diretor Geral